

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: Diritos Indígenas

Data: 7 de abril de 1984

Pg.: DINR0061

Márcio Souza

### 190 Brasil pluricultural

A crise do Parque Nacional do Xingu, com a ocupação da estrada BR-080 pelo povo Txucarramãe exigindo a demarcação de suas terras, é mais um desdobramento da vergonhosa situação comumente chamada de "Questão Indígena". Muito se avançou nos últimos anos mas o governo só fez retroceder. Enquanto os movimentos de caráter nacional de defesa da causa indígena foram ampliando-se, ganhando as consciências das populações urbanas e de importantes setores da nossa sociedade, do lado oficial, como que seguindo uma atávica e perversa necessidade de isolar-se, o regime militar teve a capacidade de transformar a problemática do índio num reduto propositadamente confuso, onde alguns fanatismos anacrônicos, do tipo de antropologia física racista dos anos 30 e miopia política, acabaram por paralisar e facilitar a prática do esbulho e a rápida extinção desses povos originários.

Vale a pena mostrar mais uma vez o despropósito de um órgão com poderes tutelares, como a Funai, incrustado nesse supermercado a serviço dos interesses dos grandes grupos econômicos sedentários de terras. De um lado, pelo menos no papel, a Funai existe para defender, administrar e proteger os povos indígenas através das cláusulas e parágrafos do Estatuto do Índio, mas a instância superior, o Ministério ao qual está subordinada, não se cansa, nestes últimos vinte anos, de se esmerar

nos ataques e assaltos à integridade até mesmo física dos povos indígenas. É uma vergonha nacional.

O Ministério do Interior já fez de tudo para "resolver" o problema indígena. Fez vista grossa para a invasão das terras indígenas, sabotou e impediu a demarcação definitiva das terras indígenas e chegou mesmo a nomear certos militares paranóicos e nostálgicos do nazismo para a direção da Funai. Mas os povos indígenas resistiram.

Nos últimos anos o que se viu foi uma maior organização, uma busca de unidade e um crescimento da consciência dos próprios líderes indígenas na defesa de suas vidas e suas tradições. Com esses avanços de natureza política, os povos indígenas ganharam forças e demonstraram mais uma vez o seu largo conhecimento na arte de sobreviver ao genocídio. Livraram-se, também, da ameaça dos que queriam defendê-los com ingenuidades típicas da má consciência urbana. Ao tomarem nas mãos a liderança da luta indígena, escaparam do folclore e hoje são capazes de contestar vigorosamente o poder discricionário do regime com a força moral de vítimas de uma conspiração de extermínio.

Mas o regime não descansa e é servil aos interesses dos grupos econômicos. A indefinição da política de demarcação das terras indígenas é parte de uma estratégia óbvia de ganhar tempo na

esperança de que os povos indígenas desapareçam por sua conta, sorvidos no boqueirão dos confrontos sangrentos e da capitulação da aculturação. Se enganam redondamente. Os povos indígenas vão resistir, eles fazem parte do conjunto do Brasil que o autoritarismo não pode matar por mais que isto seja tentador. A crise do Parque do Xingu é mais uma das crises pré-fabricadas no intuito de permitir a militarização do conflito e fazer da área do Xingu um espaço onde a poder do mais forte terá a justificativa da Segurança para proceder com brutalidade, limpando dali esses homens primitivos que impedem o desfrute dos grandes fazendeiros com a sua obstinação em viver seu mundo tão diferente. Mais uma vez os parasitas da Funai e os cow-boys do Planalto vão quebrar a cara.

Os povos indígenas estão cada dia mais organizados. Defendem com a própria vida a opção histórica que os levou a viver em suas sociedades livres, sem propriedade privada e sem exploração. Eles nos dizem que vivemos num país pluricultural, onde a diversidade contradiz a norma intransigente que quer fazer do Brasil uma terra de cordeirinhos unificados e ruminantes conforme o interesse dos grupos econômicos.

Uma das demonstrações mais claras de que rumamos para uma democracia é o alto nível de organização dos povos indígenas. Um deles, Juruna, já está no Congresso. Um dia, teremos um Congresso pluricultural.